

CAMPO GRANDE

PMS	FMLE	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Tribuna da Bahia		
Data		
05/03/94		
Caderno	Página	
Cultura	1	
Seção		
Assunto		
Bairro		

MARIA DE FÁTIMA DANNEMANN

Editoria de Cultura

De um simples descampado até chegar a sua atual feição, o Campo Grande, maior praça da cidade, espécie de marco zero do centro de Salvador, já passou por diversas modificações. Já foi lugar chique, com plantas exóticas. Já abrigou a Assembléia Legislativa, mansões, o clube inglês, a Igreja Anglicana, visitada pessoalmente pela Rainha da Inglaterra, e hoje, beirando a decadência, é um lugar onde acontece de tudo: carnaval, cerimônias cívicas, assembleias de trabalhadores e até cultos de seitas protestantes.

Mesmo sem os dois velhos coretos, derrubados numa das últimas reformas que a praça sofreu, sem os velhos bancos, trocados por pré-moldados de concreto em volta dos canteiros, e com as duas fontes luminosas sem funcionar há longas datas, o Campo Grande consegue ter vida praticamente as 24 horas do dia, e mesmo que a frequência esteja hoje bem mais para o brega do que para o chique, as árvores — dizem ser uma de cada espécie importante do país — garantem o charme do local.

Mas, nem tudo é tão charmoso como as palmeiras imperiais, os paus-brasis, ipês e (a "vedete" da praça) uma enorme paineira que durante a primavera, quando está florindo, garante um bonito espetáculo aos frequentadores locais, quando está florida. O monumento à Independência, no centro da praça, de bronze e mármore, de autoria de



O CAMPO GRANDE, a maior praça de Salvador, já foi visitado pela rainha Elizabeth e hoje é um "Hyde Park" em versão local

A vida noturna caiu sem o TCA

O estado de decadência da praça se refletiu em bairros vizinhos como o Canela. Depois de ter sido um dos endereços mais *in* da cidade, o Canela virou um imenso camelódromo, reduto de verdadeiros, vendedores de "sebo", e dos últimos remanescentes hippies que insistem em viver da venda de bijuterias. Isto sem falar em que o terminal de ônibus deu um ar feio ao bairro. E nos pivetes que estão constantemente tomando bolsas e relógios, especialmente de alunos dos Maristas.

Há trechos em que é impossível se transitar na calçada. Na Avenida Araújo Pinho, por exemplo, em frente a Escola de Belas Artes — aliás, um belo prédio que está bastante acabado, cheio de anexos "modernos" ao lado. Tropeça-se em buracos, em bancas de camelô ou esbarra-se em alguém que está há pelo menos 45 minutos a espera do ônibus.

A Vitória também não fica atrás. As casas imagens, com enormes jardins, vidros e grades trabalhadas, varandas, peitoris e escadarias de mármore de carrara sumiram para dar lugar a prédios. Alguns charmosos, como o Costa Pinto eo Golden Tower. Outros, nem tanto. O número de prédios levou à Vitória um número excessivo de carros e o engarrafamento no estreito corre o que liga o Campo Grande à Barra, cada dia fica mais grave.

Mas, nem tudo é tão ruim. O Campo Grande, que teria sido cria-

Campo de mutações

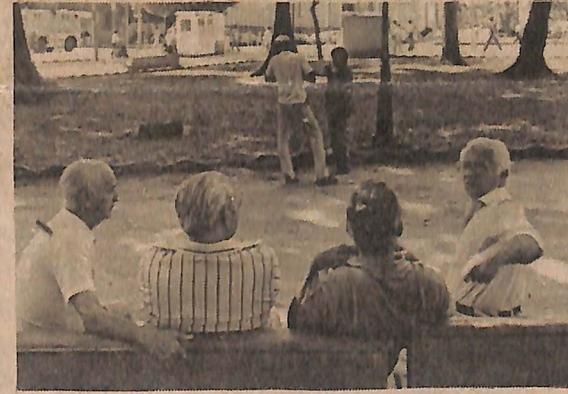
casais de namorados que ignoram o que é quase uma lei nos outros países do mundo: o respeito quase sagrado aos munumentos cívicos.

COOPER E CACHORROS

Mesmo que um ou outro frequentador apareça cantando às 2 ou 3 horas da manhã, a praça desperta às 5h30min quando começam a aparecer os primeiros adeptos do *cooper* para sua caminhada/corrida matinal. As sete horas, os atletas vão embora e começam a chegar os cachorros. São bassetes, pinscher, poodles, cocker spaniel, boxers de moradores dos esdificios da praça, e de bairros das redondezas como Canela, Garcia e Vitória.

Mal os cachorros vão embora e os estudantes já estão passando em direção ao colégio e os trabalhadores disputando os ônibus que depois das constantes modificações em torno da praça acabaram ficando divididos em vários terminais no mesmo lugar. Mas, as crianças, antigas frequentadores do parquinho da praça, praticamente sumiram: a ação de pivetes e a eterna inoperância dos dois módulos policiais, tornou o Campo Grande particularmente inseguro para elas.

Como em nenhum outro local da cidade, o velho Campo Grande reflete as mudanças do tempo



Apesar do inconveniente terminal de ônibus, a praça é um ótimo ponto de encontro para um bate-papo ou um namoro descontraído

Praça foi se formando a partir de 1850 até ganhar o aspecto atual

A história do Campo Grande não é muito conhecida. Em 1850 era, segundo historiadores, um imenso valado. Este valado foi sendo plainado aos poucos e em 1866 teria sido inaugurado com o nome de Campo Grande do Forte de São Pedro. Um jardim com plantas exóticas surgiria em 1880 ou 1890. Por volta de 1895, o Campo Grande viria a ser transformado em área de lazer e por ocasião do Centenário da Independência, em 1923 ganharia o monumento ao caboclo.

A partir daí vieram outras modificações. Uma delas foi o corte de um pedaço da praça próximo à entrada da Vitória e em frente à casa do arcebispo.

Com a ligação do Contorno com o Vale do Canela, foi aberto um "buraco" na praça com uma escada para pedestres. Em sua volta, tudo foi mudando também. As mansões da Vitória praticamente se acabaram, dando lugar a uma série de edifícios de luxo, o Canela entrou numa visível fase de decadência e no Campo Grande o Clube Inglês e a Assembléia foram transferidos para outros lugares dando lugar a prédios de apartamento.

De antigo sobrou a residência arquiépiscopal, onde mora o cardeal, e o Clube Cruz Vermelha, fundado há 105 anos, e segundo os moradores, responsável pelo alto índice de poluição

sonora nas noites de sábados quando há shows. Nem tudo é tão sem charme. No Campo Grande fica, por exemplo, um dos mais antigos hotéis de cinco estrelas de Salvador que carrega pelo menos uma obra de arte, um painel de Genaro de Carvalho.

A moradia no local não chega a ser ruim. Abrir a janela, pela manhã e deparar-se com um imenso verde e um padoço da vista do mar deixada pelas últimas casas da Vitória garantem o lado bom. O Campo Grande é perto do centro e de lá há condução fácil para qualquer outro ponto da cidade. Ruim, é o barulho, por exemplo. Às 3 ou quatro horas da manhã passam ônibus sem escapeamento, o caminhão de lixo sem

pre desperta, e não raramente passam ambulâncias e carros de bombeiros (rota para outros bairros da cidade).

Há poluição: como o trânsito é intenso, não há quem resista sem um pouco de cisco ou fuligem preta. Dizem alguns moradores que até discos devidamente encapados costumam ficar cobertos de poeira preta. Outro defeito é a sujeira e o mau cheiro que começaram a tomar conta da praça há algum tempo. Alarmes de carros que soam a toda hora denunciam que a segurança não é das melhores. Falta estacionamento. E o ataque dos pivetes é um problema. Há algum tempo, mataram um cachorro Basset a pedradas.

acaba ficando intimamente ligado à cultura por ter perto equipamentos como museus, teatros, cinemas e universidade. Bem na praça, fica o Teatro Castro Alves, desativado para uma reforma que nunca começa. Aí na praça há a reitoria da Universidade Católica do Salvador.

Próximos há mais cinco teatros, Vila Velha, Santo Antônio, ACBEU, ICBA e Gamboa, os cinemas Art I e II, vários museus na Vitória, entre os quais o Costa Pinto e Museu de Arte da Bahia, a UFBA, sediada no Canela, além de bibliotecas, colégios de grande porte como Maristas, Vieira, Dois de Julho, Sophia Costa Pinto e Sacramentinas.

Mas, isto não parece salvar a decadência da praça. Nenhum de seus frequentadores liga a mínima importância em transformar o monumento à independência da Bahia em "motel", em pisar na grama ou transformar as raízes da enorme paineira em "banheiro". O aspecto do Campo Grande, depois do Carnaval, também não é dos melhores. A grama, onde ficaram as barracas, está bastante estragada. As árvores sem muitos de seus galhos devido à poda indiscriminada para dar passagem aos trios.